



revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

PROMESSAS DE DEUS

*Auxílio
na tentação:*

«Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará sempre o escape, para que a possais suportar» (I Cor. 10:13).

*Força para os
nossos fardos:*

«Dá esforço ao cansado, e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor» (Isa. 40:29).

*Perdão para os
nossos pecados:*

«... O Senhor é a força da minha vida; de quem me recearei?» (Salmo 27:1).

*Amor para a
nossa solidão:*

«Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados e no purificar de toda a injustiça» (I João 1:9).

*Paz para a
nossa ansiedade:*

«Vede quão grande caridade nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus...» (Cap. 3:1).

*Coragem para
o nosso temor:*

«Não estejais inquietos por coisa alguma: antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplicas, com acção de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus» (Fil. 4:6, 7).

*Descanso para
a nossa fadiga:*

«... Não te deixarei nem te desampararei. E assim com confiança ousemos dizer: O Senhor é o meu ajudador, e não temerei o que me possa fazer o homem» (Heb. 13:5, 6).

*Conforto para
as nossas tristezas:*

«O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará. Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas. Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça, por amor do seu nome» (Sal. 23:1-3).

«Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei» (S. Mat. 11:28).

«E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus» (Rom. 8:28).

«Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, ... que nos consola em toda a nossa tribulação» (II Cor. 1:3,4).

Compilado por Patrícia E. Norman
in Adventist Review

“estai vós apercebidos”

CHAVE DE TELEVISÃO

Um subcomité do senado americano sugeriu que os novos aparelhos de televisão sejam equipados com um dispositivo de segurança, que permita aos pais evitar que seus filhos liguem os aparelhos para postos que transmitem programas violentos. Contudo, espera-se que a sugestão não obtenha aprovação do Congresso. — *Signes of the Times*

AFIRMAÇÕES QUE AGITAM CONTROVÉRSIA

Numa entrevista durante uma visita à Austrália, Lord Ramsey, antigo Arcebispo de Canterbury, disse que via possibilidade de eventual unidade entre as igrejas Anglicana e Romana, não pela «absorção de sua igreja pela de Roma, mas em comunhão com ela». «Numa tal união», continuou, «o Papa seria aceite não infalível, mas como Bispo Presidente». «É errado», afirmou, «que a cristandade que está dividida em corpos que tem que estar muitas vezes competindo e acusando-se».

Diversos comentários sobre estas afirmações apareceram imediatamente tanto em Inglaterra como na Austrália. O Bispo Hugo Montefiori, de Kingstone, Londres, concorda que muitos anglicanos não teriam dificuldade em aceitar a ideia de uma universal supremacia, uma igreja unificada que, por razões históricas, poderia ser somente exercida por Roma. O Rev. Allan Nichols, falando a muitos anglicanos na Austrália, declarou por sua vez, ser a proposta de Lord Ramsey «totalmente inaceitável». «Os anglicanos na Austrália», continuou, «estão ainda conscientes da Reforma do séc. XVI» e não acreditam que as diferenças que se levantaram desde então possam ser «passadas por alto».

O Bispo Albert Trillo, Bispo anglicano de Chelmsford, e presidente do Comité para as Relações com a Igreja Católica Romana, expressou-se basicamente de acordo com

as afirmações de Lord Ramsey, mas acentuou que tais afirmações preocupariam muitos anglicanos na Inglaterra, «especialmente evangélicos conservativos». — *Signes of the Times*

OMITIDA A ABSOLVIÇÃO DA EX-COMUNHÃO PARA OS NOVOS CONVERSOS A ROMA

Em virtude da crescente convergência entre igrejas romanas e não romanas, o novo «direito de recepção de cristãos batizados segundo completa comunhão com igreja católica» na Inglaterra não vê mais estas pessoas como «convertidos». A tradicional absolvição da excomunhão já foi omitida, os candidatos são posta em dúvida.

O termo «converso» aplica-se a forma do primeiro baptismo a membros são batizados apenas agora somente àqueles que se convertem ao cristianismo vindo de grupos não-cristãos. — *Signes of the Times*

DISCRIMINAÇÃO DA LEI DE LIBERDADE RELIGIOSA EM ESPANHA

Um comité evangélico espanhol pediu ao Governo deste país para rescindir uma lei, sobre liberdade religiosa, que, segundo o comité, faz discriminação contra crentes não-católicos. A lei, promulgada em Junho de 1967, garante liberdade de culto a grupos não-católicos, num país de predominância católica. O catolicismo é a religião de Estado.

Contudo, a lei obriga o registo de igrejas não-católicas no Ministério da Justiça, na mesma base de qualquer outra organização civil ou secular. Os protestantes espanhóis opuseram-se fortemente a esta discriminação.

Numa petição apresentada ao Primeiro-Ministro, Adolfo Suarez, o Comité de Defesa Evangélica pede urgente rescisão desta lei alegando discriminação entre cidadãos espanhóis no «campo religioso». — *Signes of the Times*

SUMÁRIO

«estai vós apercebidos»
Como Vai Acção 78?
O Nome que está Acima de Todo o Nome
Reflexões Sobre as Tentações de Jesus
Três Razões para não me Tornar Mórmon — (conclusão)
Reformistas ou Deformistas
«Atire a Primeira Pedra»
Noticias do Campo
Breves Noticias do Mundo Adventista

revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

JULHO 1978

ANO XXXIX N.º 382

Director: ERNESTO FERREIRA

Administrador:
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLANTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Administração:
RUA SALVADOR ALLENDE,
LOTE 18, 1.º
S A C A V E M

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1 - C - Lisboa

Preços:

Assinatura Anual 70\$00
Número avulso 7\$00

ESTRANGEIRO: além do preço de assinatura, os portes são a cargo do assinante.

COMO VAI ACÇÃO 78?

Durante o mês de Março, nalgumas igrejas durante o mês de Abril ou ainda mais tarde, realizou-se a série de reuniões especiais de ACÇÃO 78.

Noutras igrejas, por razões várias, até ao presente nada se fez, mas certamente se irá (quando?) realizar idêntico esforço.

As reuniões efectuadas assistiram, naturalmente, muitos membros de igreja. Assistiram também, sem dúvida, pessoas que já conheciam a igreja e que habitualmente se vêem entre nós. Assistiram, além destas, outras que pela primeira vez entraram numa igreja adventista, ouviram a pregação da mensagem, ficaram por ela impressionadas e manifestaram o desejo de a estudar melhor e de se prepararem para o baptismo. Nesse sentido se pronunciaram publicamente, tendo talvez preenchido um impresso com o seu endereço e firmado com a sua assinatura.

Estas pessoas confiaram à igreja a orientação da sua vida espiritual, poderíamos mesmo dizer, o seu destino eterno.

São almas por cuja redenção foi pago um preço de infinito valor, e a quem foi dirigida a oferta da salvação pela graça. São almas que aceitaram essa oferta e reconheceram em Cristo o seu Salvador.

Depois do que ouviram e já decidiram estão desejosas de conhecer melhor o Evangelho e de pôr em ordem as suas vidas.

Nesta altura, e com esta atitude de espírito, a igreja pode ajudá-las ou, então, prejudicá-las grandemente.

Por vezes, depois de terem dado o seu nome, muitas pessoas são deixadas ao abandono; na melhor hipótese, daí a meses, e nalguns casos daí a anos, são visitadas, quando

já as impressões feitas pelo Espírito de Deus se dissiparam e Satanás ocupou de novo o terreno. «Fizeram-se boas impressões, mas a menos que elas sejam aprofundadas mediante esforços cuidadosos, corroborados pela oração, Satanás as anulará... Muitas almas têm sido abandonadas a ser esbofeteadas por Satanás e à oposição de membros de outras igrejas que têm rejeitado a verdade; e muitos são impelidos até a um ponto onde nunca mais poderão ser alcançados.» — *Evangelismo*, págs. 321, 322.

Cada pessoa que assinou o seu nome, pedindo o auxílio da igreja, é um depósito sagrado pelo qual nos tornamos responsáveis.

Não será uma insensatez gastarmos tempo, energias, dinheiro e organização para reunirmos pessoas a fim de que ouçam a mensagem em campanhas de evangelização, e depois de essas pessoas terem sido reunidas e terem ouvido a mensagem, deixarmos incompleto o trabalho, abandonando-as e indo à procura de novas pessoas, para finalmente, por sua vez, também estas serem abandonadas? Que empresa comercial agiria assim? Que movimento social ou político seguiria semelhante método de acção?

Será possível que estejamos de tal maneira absorvidos por uma estéril engrenagem eclesiástica que não encontremos tempo para comunicar com Cristo, a quem servimos, nem com as almas, a quem desejamos ver salvas?

Não abandonemos as pessoas que nos confiaram os seus nomes nas campanhas de evangelização. Elas constituem para a igreja um depósito sagrado — a verdadeira razão de ser e a verdadeira tarefa de ACÇÃO 78.

E. FERREIRA

«O NOME QUE ESTÁ ACIMA

DE TODO O NOME» - FILIPE 2:9

CARLOS A. TREZZA

Um nome de pessoa em qualquer parte do mundo hoje em dia talvez não signifique mais do que um meio de identificação individual. Não assim, porém, no antigo Israel, nos tempos bíblicos principalmente, quando um nome de pessoa era mais do que simplesmente uma espécie de senha ou rótulo aplicados a um indivíduo como mero processo de identificação. Em Israel os nomes eram significativos, interpretativos e até proféticos. Neles procuravam os pais expressar os factos de sua experiência, suas emoções e esperanças, e até desapontamentos e frustrações. Lembra-nos Sara, que deu a seu filho extemporâneo, fruto de um milagre, um nome associado à sua incontida crise de riso ao ouvir o anjo dizer que ela seria mãe, quando já estava, por irrecorrível decreto da Natureza, inteiramente fora da possibilidade de gerar. Na raiz do nome hebraico *Isaque* (*Yischaq*), está a base de pelo menos duas formas de interpretação desse nome, que tanto pode ser «riso», como «ele ri», o que permite inferir que Sara utilizou um artifício muito comum entre os antigos hebreus, de fazer um jogo de palavras para expressar sentimentos. Neste caso a esposa de Abraão ironizava com finura e graça o inusitado acontecimento, ao mesmo tempo que expressava o profundo anseio do seu coração, não somente de ter o filho, mas também de que este fosse em si mesmo a estampa da alegria, pois, como ela disse, «ele ri».

Nome algum, porém, é em si mesmo mais completo e cheio de significado do que o próprio nome de Deus, visto que dele os antigos hebreus tiraram uma infinidade de

fórmulas com as quais procuravam como que gritar aos ouvidos de todos a sua visão do mundo, o seu sentido das coisas e a sua interpretação da vida, ou o senso de que estavam possuídos como povo profundamente religioso.

Esta tendência dos hebreus de traduzir nos nomes dos filhos o seu estado de espírito ou modo de ser, permite ao acurado estudioso obter uma ideia bem acentuada do estado moral, social e religioso do povo de Deus num dado estágio de sua história. O profeta Elias nasceu numa época de contestação ao nome de Deus e predomínio do culto de Baal; daí dar-lhe o pai o nome de *Elias*, isto é, «Deus é Jeová».

Quando nos abalamos a considerar os nomes de Deus no Velho Testamento — e o fazemos como uma singela contribuição aos leitores de *Revista Adventista* que apreciam, o que tenham gosto, para este tipo de leitura — a primeira coisa que nos chama a atenção em nossa Bíblia mais usada, a *Almeida*, é que esse nome aparece invariavelmente como simplesmente «Deus», ou «Senhor Deus». Difícil seria, naturalmente, ao leitor desajeitado ao estudo, estar a par de que a simples designação de «Deus», ou «Senhor Deus», não traz em si nenhum significado especial atributivo do carácter da Divindade, precisamente ao contrário do que se encontra nas formas originais do nome de Deus. A explicação é que nossa *Versão Almeida* tem forte sintonia com a chamada *Versão do Rei Tiago* (*King James' Version*), feita em 1611, e que preferiu traduzir a forma original do nome de Deus simplesmente por «Senhor», ou genericamente

«Deus», versão essa indicada como *Versão Autorizada* para a língua inglesa.

Na formação de nomes compostos com o nome de Deus, conforme se pode ver no texto bíblico do Velho Testamento, há duas raízes constantes que permitiram aos israelitas externar seus sentimentos religiosos ou suas aspirações e esperanças. Essas duas raízes são *El*, nome genérico com que eram designados não só o Deus de Israel mas também os deuses das nações ao redor, e *Je*, designativo de «Jeová», ou mais correctamente *Jave*, se se pretende aporuguesar a forma hebraica «Yá We». Assim encontramos nomes com a formação *El*, como Daniel, Ezequiel, Misael, cujo significado é respectivamente «Deus é meu Juiz», «Deus fortalecerá», e «Quem é de Deus?» Pelo significado dos nomes dados pelos pais a esses filhos, podemos ter uma ideia do seu estado de espírito quando do nascimento dos mesmos. Uns poucos nomes, citados ao bater das teclas, com a formação da raiz *Je*, são: Jeú, «Ele é Jeová»; *Jeosafá*, «Jeová julgou», e o próprio nome de *Jesus*, cujo significado cuidaremos de analisar linhas adiante. Também esses nomes deixam entrever situações de crise, ou de alegria, ou de confiança, na experiência dos pais.

Quando Deus apareceu a Moisés junto à sarça ardente, disse que o Seu verdadeiro nome era *Jeová*. Até então Moisés conhecia a Deus pelo nome vulgar de *El*, ou simplesmente «Deus», sem nenhuma especial conotação com as qualidades de Seu carácter, que de algum modo O distinguisse dos deuses pagãos. Todavia, em alguns exemplos, como Gén. 15:2, onde Abraão expressamente se dirige a Deus como *Jeová-Adonai*, ou no verso 7, em que o próprio Deus Se apresenta como *Jeová*, podemos notar que Moisés possuía alguma ideia do nome de Deus como *Jeová*, sendo visível que a identidade desse nome se perdera ou se obnubilara com a disseminação da apostasia. Daí entenderem alguns estudiosos que a declaração de Deus a Moisés: «Eu apareci a Abraão, a Isaque e a Jacó como o Deus Todo-poderoso (Adonsi), mas pelo meu nome, *Jeová*, não lhes fui perfeitamente conhecido», deve ser entendida como interrogativa declaratória, assim: «Mas pelo meu nome, *Jeová*, não lhes fui perfeitamente conhecido?» Êxo. 6:3.

O facto de Deus ser referido no Pentateuco por dois nomes, *El* e *Jeová*, tem dado margem à crítica para afirmar que os cinco livros de Moisés, ou Pentateuco, tiveram na realidade dois autores, representando duas correntes religiosas da época: *Jeovistas* e *Eloístas*. Mas aqui a crítica mete os pés pelas mãos, pois a explicação é dada pelo próprio Deus a Moisés: houve uma época em que o nome de Deus, reconhecidamente *Jeová*, ficou

na penumbra, em virtude da apostasia dominante. Agora o próprio *Jeová* estava ali, para restaurar o Seu nome significativo, identificador do Deus verdadeiro, em Seu carácter de Criador, Mantenedor e Salvador. E foi com o nome de *Jeová*, não simplesmente *El*, que Moisés se apresentou a seu povo e também a Faraó.

Ao narrar a criação Moisés apresenta a Deus como *El*, não como *Jeová*, pois não tivera clara compreensão deste nome senão na visão da sarça ardente. Mas — e isto é curioso e importante ao mesmo tempo — o *El*, Deus, que criou os céus e a Terra, aparece no primeiro versículo de Génesis na forma plural, assim: «No princípio criou os Deuses (Eloim) os céus e a Terra». Esta construção aberrativa, com o verbo no singular e o sujeito no plural, sempre foi uma pedra no sapato dos mestres judeus. Monoteístas radicais, não podiam admitir a ideia de ser a criação produto de mais de um Deus, o Deus de Israel, *Jeová*, ou mesmo o *El*, mas nunca *El-oim*, plural de *El*, isto é, «deuses».

Aqui está uma grande oportunidade de, como cristãos, agradecermos a Deus pela complementação da Revelação Divina no Novo Testamento, com a informação de que o Deus Criador é Triúno, isto é, a *Trindade*. Na criação estão presentes Pai, Filho e Espírito Santo. Sendo múltiplo o Agente criador — Pai, Filho e Espírito Santo — o sujeito é apresentado na forma plural; mas sendo o acto de criar o resultado do perfeito consenso dos três, esse acto é uno e único, tendo sido posto no singular. Maravilha da Inspiração! Aquilo que para os judeus é uma coisa estranha e inexplicável, para nós cristãos é claro como a luz meridiana.

Sabido, pois, que o nome *El* — Deus — era indicativo de qualquer divindade, de modo geral e indefinido, resta-nos o nome *Jeová*, específico, exaltado, requerido pelo próprio Deus como definidor de Sua Pessoa auto-existente. Qual a origem desse nome de Deus, e como é ele entendido e referido pelo antigo povo de Deus? Vejamos:

O nome de Deus está intimamente relacionado com o santuário. O santuário representava em figura a transferência do próprio trono de Deus para o meio de Seu povo. Do santuário é dito que ali Deus faria «habitar o Seu nome» (Deut. 12:5). Assim o nome de Deus associava-se ao santuário. Ver Deut. 14:23, 16:2, 6, 11. Ora, como a presença do santuário era a prova mais palpável que Deus poderia dar de Seu amor pelo homem, vê-se que o nome de Deus também se liga ao Seu amor, pois no santuário estaria o Seu nome. Logo o nome *Jeová* é também uma expressão de amor.

Quando o Senhor Se manifestou a Moisés na sarça incandescente, ordenando-lhe fosse ao Egito para daí fazer subir o Seu povo, Moisés mostrou extrema preocupação em saber qual era o nome de Deus. Ele vivera no Egito os primeiros 40 anos da sua vida, e neste país havia um deus para cada coisa, e, segundo dizem, um deus para cada dia do ano. Todos esses deuses tinham nome: Ísis, Osíris, Ptá, Ra, Amom, Tote, etc. Não lhe parecia, a ele Moisés, muito seguro ir ao seu povo como embaixador de um Deus anônimo. «Eis que quando vier aos filhos de Israel e lhes disser: «O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles disseram: Qual é o seu nome? Que lhes responderei?» ele quis saber.

A resposta de Deus a Moisés demonstra uma verdade estupenda: O que importa não é o nome, mas o carácter de Deus. Daí que o nome de Deus é apenas um modo de expressar o Seu carácter. Isto o Senhor fez compreender a Seu servo, dizendo: «Eu Sou o que Sou».

O nome Jeová está profundamente intercalado com o título EU SOU. Com esta qualificação o Senhor dizia ser Aquele que existe por Si mesmo. De que modo o *Eu Sou* acabou sendo substituído pelo nome *Jeová*, jamais pôde ser explicado de modo muito claro. Para muitos estudiosos o nome Jeová (*Yä'Ve*, ou *Javé*), é a resultante do misterioso Tetragrama *YHWH*, provido com as vogais do nome *Adonai*. Os judeus, por reverência, não pronunciavam o nome de Deus, substituindo-o pelo Tetragrama *YHWH*, por isto mesmo impronunciável. Quando o leitor hebreu chegava ao ponto em que aparecia o nome de Deus, o que ele encontrava eram aquelas misteriosas consoantes, e então simplesmente lia «Adonai», embora este nome não estivesse ali. Com a aplicação das vogais de Adonai ao Tetragrama, foi possível pronunciá-lo como Javé, ou Jeová, como temos em português. Segundo outras autoridades, porém, o nome Jeová é uma modificação do verbo ser (*hajah*), o que se pode também perfeitamente aceitar, visto que define o Deus auto-existente.

Com a vulgarização do nome Jeová entre os hebreus, ao lado de *El*, surgiram formas associativas desse nome, como por exemplo:

Jeová-Shalom: «Jeová é paz».

Jeová-Jiré: «Jeová vê».

Jeová-Nissi: «Jeová é minha bandeira».

Todas estas formações com o nome de Deus são do conhecimento do leitor, pois são bíblicas. Mas os judeus designavam a Deus também por outros nomes, quando queriam associá-Lo com alguma determinada faceta de Seu carácter, segundo eles entendiam. Assim:

El-Eloim: «Deus altíssimo».

El-Shadai: «Deus Todo-poderoso».

Adonai: «Deus como Senhor e servo de todos».

El-Sabaó: «Deus dos Exércitos».

Da mesma forma também em que os israelitas ligavam o nome de Deus aos nomes de seus filhos como expressão de fé, de confiança, etc., associavam-nos aos nomes de deuses pagãos em período de apostasia geral ou pessoal. Exemplo bastante típico deste facto temos no nome do esposo de Noemi, Elimeleque. *Eli* é forma possessiva de *El*, isto é, «Meu deus». *Meleque* é modificação do nome do deus pagão *Moloque*, o deus dos amonitas, cujo culto era vastamente divulgado e praticado tanto em Israel como em Judá. Assim, *Elimeleque* quer dizer: «Moloque é meu deus». Por que daria um pai israelita o nome de um deus pagão ao filho? Só há uma explicação: Apostasia. E é de notar que o próprio rei Davi veio a ter um bisneto com o nome de *Moloque*, o que mostra quão vasta foi a apostasia em Israel e Judá.

Como se vê, a fidelidade e a apostasia sempre caminham juntas; e a grande lição para nós é que o diabo está sempre a sugerir a associação com o seu nome, em vez do apego ao nome de Deus, como se pode ler na história de Israel como num livro aberto.

O estupendo, porém, em relação com o nome de Deus, *Jeová*, é que Jesus o utilizou na forma de «Eu Sou», tal como o fizera o Jeová do Velho Testamento. Ora, o nome *Jesus* quer dizer «Jeová Salvador», numa perfeita conotação com os demais atributos de Deus. Deus não é apenas Criador, nem somente Mantenedor, ou simplesmente Ajudador, mas é sobretudo Salvador. Temos ouvido alguns dizerem que amam o Jesus do Novo Testamento, mas detestam o Jeová do Velho Testamento. Pura desinformação, pois o Jeová do Velho Testamento é o mesmo Jesus do Novo Testamento. O apóstolo Paulo faz pelo menos 250 referências a textos do Velho Testamento que se referem a Jeová, e aplica-os a Jesus, o que vem demonstrar de modo cabal que Jeová e Jesus Cristo são a mesma pessoa. Foi Jeová quem encarnou, quem viveu entre os homens, quem amou a família humana e finalmente morreu na cruz para redimi-los. Por isto, quando o apóstolo fala do nome de Cristo como sendo um «nome que está acima de todo nome», está exaltando o nome de Jeová, ou de Jesus, ou do «Eu Sou» do Velho Testamento.

Com quanta reverência, pois, caro leitor, não devíamos tomar o nome de Deus em nossos lábios, jamais fazendo-o em vão, descuidadamente, pois esse é um nome sublime, nome que «está acima de todo nome» no Céu e na Terra. ●

REFLEXÕES SOBRE AS TENTAÇÕES DE JESUS - Ideias Gerais

por ARMANDO COTTIM

«Sentado dia após dia em sua lúgubre cela, sabendo que por uma palavra ou um simples aceno de Nero sua vida seria sacrificada, Paulo pensou em Timóteo, e determinou chamá-lo.»⁽¹⁾

Essa chamada, feita por meio de carta, é uma jóia de inspiração para qualquer jovem obreiro. Nessa carta, diz Paulo:

«Toda a Escritura, divinamente inspirada, é proveitosa para ensinar.»⁽²⁾

Este conhecido versículo leva-nos a pensar que algumas partes da Bíblia, às quais não costumamos prestar atenção, porque são sumamente conhecidas, podem, em realidade, ensinar-nos mais do que o fazem.

Com esta ideia em mente pensei nas tentações de Jesus. Costumamos ler os relatos das tentações de Jesus, depois dos quarenta dias de jejum, sem reparar nos ensinamentos que podemos tirar desse relato inspirado.

Diz Ellen G. White:

«Devemos tomar um versículo, e concentrar a mente na tarefa de averiguar o pensamento nele posto por Deus para nós.»⁽³⁾

Vamos seguir o conselho inspirado, demonstrando as nossas mentes em cada uma das tentações, tentando tirar dela um máximo de ensinamentos. Isto, porém, convém que seja antecedido pelo estudo de alguns pontos acessórios, que podem ajudar a nossa compreensão.

1. FONTES DO RELATO

Ainda que aceitemos que o Espírito Santo revela aos servos de Deus aquilo que devem

escrever⁽⁴⁾, neste caso não podemos aceitar que os evangelistas tivessem recebido o relato por revelação de Deus, uma vez que Mateus e Lucas contam as tentações seguindo ordem diferente.

Por outro lado Marcos diz que Jesus esteve acompanhado das feras do deserto durante os quarenta dias⁽⁵⁾. Isto faz-nos deixar de parte a hipótese da existência de testemunhas oculares.

A única conclusão a que podemos chegar é a que expressa o comentarista Ricciotti:

«O informador de quem a catequese primitiva recebeu a notícia não pode ter sido outro senão Jesus, porque durante aqueles quarenta dias esteve só, sem testemunha alguma, já que estava com as feras, como diz Marcos.»⁽⁶⁾

2. IMPORTÂNCIA DO RELATO

João termina o seu evangelho dizendo:

«Há, porém, ainda, muitas outras coisas que Jesus fez; e, se cada uma das quais fosse escrita, cuido que nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem.»⁽⁷⁾

Com isto João quer significar que, nos Evangelhos, não nos são contados todos os actos de Jesus. Por exemplo: que fez Jesus entre os doze e os trinta anos? Jesus não o contou aos discípulos e nenhum se preocupou com esse período da vida do Mestre. Em que dia nasceu Cristo? Jesus não o revelou, ninguém o relatou e sabemos que interessava ao próprio Deus o desconhecimento dessa data, para evitar idolatria⁽⁸⁾.

Se há coisas que Cristo não revelou, temos que aceitar a conclusão a que chegou Jacobo Hevia, que diz, sobre as tentações:

«O seu conhecimento devia ser de proveito; de contrário, o Mestre tê-las-ia calado, como calou outras coisas.»⁽⁹⁾

3. LUGAR DAS TENTAÇÕES

Os três evangelistas que nos relatam este episódio são, como não podia deixar de ser, coincidentes quanto ao lugar onde Jesus foi tentado; todos dizem que foi no «deserto»⁽¹⁰⁾.

Ao buscarmos no original grego encontramos a palavra «êremos». Esta palavra, segundo W. C. Taylor, significa «deserto; ou no sentido de lugar árido, ou de região não povoada, usada para pasto de animais»⁽¹¹⁾.

O lugar onde Jesus se refugiou para meditar «Sua missão e obra»⁽¹²⁾ é, segundo reza a tradição, um monte com cavernas, chamado hoje, pelos árabes, «DJEHEL QARANTAL»; ergue-se uns quinhentos metros sobre o vale do Jordão, fechando-o a ocidente⁽¹³⁾.

4. ORDEM DAS TENTAÇÕES

Mateus e Lucas, os dois evangelistas que relatam as tentações, fazem-no seguindo ordem diferente. Ambos coincidem na primeira, mas trocam a ordem das duas seguintes.

Por que ordem estudaremos as tentações? Tentando resolver este problema consultei vários comentários. Todos seguem a sequência do evangelho de Mateus⁽¹⁴⁾. Também Ellen G. White segue, no comentário às tentações, a ordem conservada por Mateus⁽¹⁵⁾.

Isto conduz-nos a aceitar a ordem de Mateus. As razões que podemos apresentar para essa preferência são:

1. A sequência lógica de Mateus;
2. O facto de Mateus ser testemunha do relato feito por Jesus e Lucas não o ser; e
3. O facto de ser a ordem preferida por Ellen G. White, quando, escrevendo sob inspiração, comenta as tentações⁽¹⁶⁾.

5. EM SÍNTESE

Com estes conceitos introdutórios na memória estamos preparados para entrar no estudo acerca das tentações em si. Sabemos já algo sobre como o relato chegou aos evangelistas, como é importante sabermos este episódio da vida de Jesus, em que lugar se passou esta experiência e por que ordem Satanás apresentou as tentações ao Salvador. Falta, agora, estudar os textos, meditar sobre eles, buscando compreendê-los.

(Continua)

(1) Ellen G. White, *Actos dos Apóstolos* (Casa Publicadora Brasileira, 2.ª ed., 1965), p. 498.

(2) 2.ª Timoteo 3:16. (Todos os textos bíblicos são da versão Almeida não revisada).

(3) Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (C.P.B., 8.ª ed., 1976), p. 373.

(4) Isaías 30:8, por exemplo.

(5) Marcos 1:13.

(6) Giuseppe Ricciotti, *Vida de Jesucristo* (Editorial Miracle, Barcelona, 9.ª ed., 1968), p. 299.

(7) João 21:25.

(8) Ellen G. White, *O Lar Adventista* (C.P.B., 3.ª ed., 1973), p. 477.

(9) Jacobo Hevia, *El Gran Maestro* (Studim Ediciones, Madrid, 1.ª ed., 1967), p. 416.

(10) Mateus 4:1; Marcos 1:12; e Lucas 4:1.

(11) William Carey Taylor, *Dicionário do Novo Testamento Grego* (Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 4.ª ed., 1965), p. 87.

(12) Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 100.

(13) G. Ricciotti, *op. cit.*, p. 300.

(14) Francisco Miguel Willam, *Vida de Jesus en el Pais y Pueblo de Israel* (Espasa-Calpe, Madrid, 6.ª ed., 1964), pp. 106, 107; José de Arteche, *Vida de Jesus* (Porto Editora, Porto), pp. 48, 49; Giuseppe Ricciotti, *op. cit.*, pp. 301-303.

(15) Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, capítulos 12 e 13.

(16) Ver também *Mensagens Escolhidas*, tomo 1 (C.P.B., 1.ª ed., 1966), pp. 271-289.

TRÊS RAZÕES

PARA NÃO ME TORNAR MÓRMON

CONCLUSÃO

JAY JACOBSON

RAZÃO NÚMERO TRÊS

As doutrinas Mórmons são anti-escriturísticas e anti-cristãs

(1) O mormonismo ensina que cada qual existe conscientemente no «Mundo dos Espíritos», antes de nascer neste mundo. Muitos crêem também na transmigração das almas. *São conceitos pagãos, estes.*

(2) Que «Adão é nosso Pai e nosso Deus, e o único Deus com quem nos temos que haver. Quando Ele veio a este mundo, trouxe consigo Eva, uma de Suas esposas.» Brigham Young pregou isso no Tabernáculo, e pode-se ler todo o seu ridículo sermão sobre o assunto, no *Journal of Discourses*, Vol. I, pág. 50 e seguintes. Brigham Young sucedeu a José Smith como «Profeta, Vidente e Revelador.»

(3) O mormonismo tem pregado abertamente que as pessoas de cor não têm direito à plenitude das bênçãos do evangelho. Na «inspirada» versão das Escrituras por Smith, os números de capítulos e versículos não coincidem com as outras Bíblias. Além de intercalar seu próprio nome e missão no Génesis, Smith deu também espaço ao registo de seus próprios sentimentos em relação aos pretos. Em sua versão de Génesis 7:10, 14 e 29, vemos as alusões abaixo, feitas aos descendentes de Canaã, que era filho de Cão, e a Caim, filho de Adão. Ambos são mencionados como tendo sido pretos. «E sobreveio a todos os filhos de Canaã um negror, e foram desprezados dentre o povo... E aconteceu que Enoque continuou a apelar para todo o povo, excepto o povo de Canaã, a fim de que se arrependesse... E eram eles uma mistura de todos os descendentes de Adão, excepto a semente de Caim; pois a semente de Caim era negra, e não tinha lugar entre eles.»

Esta afronta à raça negra, que Smith intercalou em sua Bíblia «corrigida», está agora acarretando crescente dissabor à Igreja Mórmon, nesta época de equiparação de direitos civis.

Em face do que acima se disse, também se pode melhor compreender o motivo por que Smith pretendeu traduzir *O Livro de Abraão*, dos rolos egípcios. Por esse meio rebaixou ele a raça negra, tornando a Deus e a Abraão responsáveis pelo que dizia.

A 17 de Julho de 1947, a Primeira Presidência da Igreja Mórmon escreveu o seguinte, numa carta: «Desde os dias do Profeta José até hoje, tem sido a doutrina da igreja, jamais posta em dúvida pelos seus líderes, que os negros não têm direito à plena bênção do evangelho.» Citado no livro *Mormonism and the Negro*, págs. 46 e 47, de John S. Stewart e Wm. E. Berrett. Bruce R. McConkie, do Conselho dos Setenta da Igreja Mórmon, em seu livro *Mormon Doctrine*, pág. 477, diz o seguinte: «Aos negros é negado o sacerdócio nesta vida; sob circunstância alguma podem eles manter esta delegação de autoridade do Todo-poderoso. A mensagem evangélica de salvação não é levada para eles de modo afirmativo...»

Na mesma página encontram-se estas palavras:

«A actual condição social do Negro repousa pura e simplesmente sobre a base da pré-existência. Juntamente com todas as raças e povos ele aqui recebe o que merece, em resultado da longa prova pré-mortal na presença do Senhor.»

Anos atrás, quando José Fielding Smith era presidente do Conselho dos Doze Apóstolos, escreveu o seguinte, em seu livro *The Way of Perfection*, pág. 101: «Não só foi Caim destinado a sofrer, mas, por causa de sua impiedade, tornou-se ele pai de uma raça inferior.» Anos mais tarde, quando esse mesmo José Fielding Smith quis ajudar George Romney a avançar na política, escreveu ele estas palavras, no órgão oficial da igreja: «A ignorância dos escritores que não pertencem à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em relação ao ponto de vista dos mórmons quanto à condição religiosa e outras do Negro é inescusável. Não há dúvida de que na campanha de George

Romney os inimigos explorarão ao máximo a questão do Negro. A lástima de tudo isto é que eles começam com uma falsa premissa e portanto chegarão, naturalmente, a uma conclusão falsa. Os Santos dos Últimos Dias, tão comumente chamados "Mórmons", não têm animosidade contra o Negro. Tão pouco o descreveram como pertencendo a uma "raça inferior".» — *Deseret News*, Secção Eclesiástica, 14 de Junho de 1962, pág. 3.

Em face da flagrante reversão de atitude sobre a doutrina acima asseverada, torna-se duplamente dolorosa a declaração seguinte, extraída do jornal *Millennial Star*, de 28 de Outubro de 1865: «O mormonismo é aquela espécie de religião cuja inteira divindade é invalidada, e sua verdade rejeitada por completo, no momento em que qualquer de seus princípios seja reconhecido como falso...»

(4) Ensina mais o mormonismo que José Smith será o porteiro do reino celestial, e que ninguém entrará sem a sua aprovação. Brigham Young pregou: «Se jamais eu transpuser os átrios celestes, será com o consentimento do profeta José.» — *Journal of Discourses*, Vol. 8, pág. 224.

(5) Que existem pecados demasiado graves para que o sangue de Cristo faça expiação por eles. Nestes casos deve o mórmon pedir a um ou mais companheiros mórmons o favor de cortar-lhe o pescoço e deixar que o sangue embeba a terra, a fim de fazer expiação de seu pecado. Esta prática é defendida e mencionada tantas vezes nos sermões publicados no *Journal of Discourses* que é evidente ter havido numerosos casos em que se ministrou esse «princípio do evangelho». Citarei apenas pequeno trecho de um sermão de Brigham Young sobre o assunto: «Sei que quando ouvis irmãos falarem em eliminar pessoas da terra, considerais isto uma doutrina demasiado forte, mas é para salvá-las, não para destruí-las. ...E além do mais, sei que existem transgressores que, se se conhecessem a si mesmos, e a condição única sob a qual podem alcançar perdão, rogariam a seus irmãos que lhes derramassem o sangue, para que o seu fumo subisse a Deus, como oferta para apaziguar a ira contra eles suscitada...» — *Journal of Discourses*, Vol. 4, págs. 53 e 54.

(6) O mormonismo nega que Jesus foi gerado milagrosamente pelo Espírito Santo. Brigham Young pregava: «Ora, lembrai-vos, daqui por diante, e para sempre, de que Jesus Cristo não foi gerado pelo Espírito Santo.» — *Journal of Discourses*, Vol. 1, pág. 51.

Leiamos as palavras de José Fielding Smith, presidente da Igreja: «Dizem que o *Livro dos Mórmons* afirma que Jesus foi gerado pelo Espírito Santo. Eu nego esta declaração. O *Livro dos Mórmons* não ensina

semelhante coisa! Tão pouco o ensina a Bíblia.» — *Doctrines of Salvation*, Vol. 1, pág. 19.

Do mesmo livro, pág. 114, procede esta declaração estarrecedora:

«A queda do homem veio como uma bênção disfarçada, e foi o meio para promover os designios do Senhor no progresso do homem, e não para impedi-los.»

Prezado leitor: Agora que se viu face a face com a maior mistificação religiosa de todos os tempos, não se sentirá responsável por advertir outros acerca deste insidioso engano? Exprobro-me agora por não haver escrito este artigo quarenta anos atrás. Mas naquele tempo não se haviam encontrado ainda os rolos egípcios. Os homens não haviam andado na Lua, e o movimento dos Direitos Civis não havia ainda revelado a conversa bifronte que agora ouvimos de Salt Lake.

Na Biblioteca do Congresso nos Estados Unidos, em Washington, existem mais de 500 livros sobre o mormonismo. Ninguém tem tempo para lê-los todos, mas o Centro de Pesquisa Religiosa, lá sediado, está em condições de tornar acessíveis a todos os inquiridores as obras mais recentes e melhor documentadas.

A maioria dos cristãos conhece apenas os mórmons como fabulosamente ricos, donos de um belo coral e de um grande órgão de tubos. Três milhões de pessoas, à barra do juízo, estão nas malhas desse engano quase incrível. Seu alvo é alcançar seis milhões de membros até 1980, e dez milhões até o ano 2000. Se continuar a indiferença e a apatia existentes hoje, é possível que isso aconteça.

Aos nossos leitores mórmons declaramos, com toda a sinceridade, que os amamos, rogando-lhes que «destas coisas vãs vos convertais ao Deus vivo.» Actos 14:15. Tomem a Bíblia toda como a palavra de Deus. Estudem-na. Vivam por ela. Tenham a certeza de que, se receberam um «testemunho» por meio de uma aparição sobrenatural, que endosse José Smith e o *Livro dos Mórmons*, ela só pode provir da mesma fonte que levou José Smith a impingir o chamado *Livro de Abraão* aos seus confiantes seguidores; do mesmo espírito que o levou a praticar homicídio; do mesmo espírito que o levou a viver em inflamada e vergonhosa imoralidade, procurando ocultá-lo à esposa e outros. O Espírito Santo de Deus nada tem que ver com semelhantes acções. Nenhuma das doutrinas do mormonismo concorda com a Santa Bíblia, que foi dada por «homens santos de Deus.» Se o leitor foi «sinceramente iludido», convidamo-lo então a «sinceramente aceitar a Jesus como seu Sumo Sacerdote.» Ele, unicamente, pode livrar dos tentáculos de qualquer erro. Está desejo de fazê-lo. Deus abençoe o leitor!

REFORMISTAS OU DEFORMISTAS?

por ANTÓNIO CURADO

Prezados irmãos:

É meu sincero desejo que ao fazermos algumas considerações sobre este tema, possamos chegar ao fim um pouco esclarecidos, e tirar algumas conclusões sobre o título do mesmo.

Nesta dissertação focaremos apenas um ponto sobre o qual os amigos reformistas fazem pressão nas suas acusações dirigidas à Igreja Remanescente, que é a Igreja Adventista do Sétimo Dia: o de mil novecentos e catorze.

Mil novecentos e catorze o que foi? Foi o ano da separação, ou seja, o ano do surgimento dos chamados reformistas (os quais hoje se contam já por umas dezenas de movimentos), mas todos em divergência uns com os outros, tendo, no entanto, todos um ponto comum, que é fazer guerra à Igreja Adventista do Sétimo Dia, actualmente ainda no seu estado de igreja militante e não no de triunfante.

O que motivou essa separação? Foi a participação de alguns adventistas alemães na guerra provocada pela Alemanha nesse ano de 1914. Os dirigentes da obra adventista na Alemanha consentiram que os crentes participassem na guerra, e eles próprios redigiram documentos autorizando essa participação. Mais tarde, esses irmãos reconheceram o seu erro e confessaram o seu pecado. Leiamos o trecho do documento de reconhecimento de erro assinado por esses irmãos. «Na reunião da comissão da Divisão Sul-Europeia realizada em Gland, Suíça, de 27 de Dezembro de 1922 a 2 de Janeiro de 1923 — considerou-se novamente nossa atitude durante a guerra, como estava expressa em vários documentos. Nós, por esta declaração que assinamos, voltamos a confirmar o que havia sido declarado em Friedensau em 1920, isto é, que deploramos que esses documentos tenham sido redigidos. Estamos em plena harmonia com a declaração hoje adoptada pelo concílio. 2 de Janeiro de 1923». — L. R. Conradi, P. Drinhaus, H. F. Schubert, e G. W. Schubert.

Costuma-se dizer que pecado confessado é pecado perdoado; mas, para os nossos amigos reformistas, ainda hoje esse pecado con-

tinua sem perdão. Mas estão os reformistas isentos de culpa no caso da guerra? É um facto que eles não podem negar o de que também jovens reformistas participaram na 2.ª guerra mundial. A revista reformista *Pazitorul Ad-Varuli*, ano 8, n.º 2, pág. 32, fala desse facto, alegando no entanto que isto foi um caso isolado, que lhes fugiu do controlo, e por conseguinte sem nenhum envolvimento da organização. E o caso dos adventistas alemães não foi também um caso isolado sem envolvimento da organização?

Alegam os reformistas que, em consequência da participação de alguns adventistas do sétimo dia na guerra de 1914, a Igreja Adventista ficou toda apostatada sendo toda a organização rejeitada por Deus, passando, desde então, a fazer parte da Grande Babilónia descrita no livro do Apocalipse. Houve no entanto um pequeno número de crentes adventistas alemães, ou seja, dois por cento, que não participaram na guerra e por conseguinte passaram a ser (dizem eles) o verdadeiro povo de Deus a partir dessa data, ou povo da reforma. Não é que nos interesse falar aqui em guerra; mas, gostaria de frisar o episódio ocorrido com um dos grandes servos de Deus, a quem foi dado o nome de pai dos crentes.

Lemos em «Patriarcas e Profetas», págs. 130 e 131: «Do seu próprio acampamento convocou trezentos e dezoito servos adestrados, homens ensinados no temor de Deus, no serviço de seu senhor, e no uso das armas... O patriarca dividiu suas forças de modo a aproximar-se por diversas direcções, e veio sobre o acampamento à noite... O adorador de Jeová não somente havia prestado um grande serviço ao país, mas mostrara-se ser um homem de valor... Outro que viera para dar as boas-vindas ao patriarca vitorioso, foi Melquisedeque, rei de Salém, que trouxe pão e vinho para alimento de seu exército. Como «sacerdote do Deus altíssimo», pronunciou uma bênção sobre Abraão, e deu graças ao Senhor que operara um tão grande livramento por meio de Seu servo...»

Reparemos agora alguns pormenores. Abraão era um homem de paz; no entanto, tinha um exército entre os seus criados, os quais ao mesmo tempo que eram ensinados

no temor de Deus eram também adestrados no uso das armas. Faz isto sentido? Foi à noite que fez o seu ataque. Para quê? Simplesmente para ser maior a matança, não é verdade? Não esqueçamos também que Abraão era um estrangeiro ali e nada tinha a ver com o assunto, pois ninguém lhe tinha feito mal a ele. Contudo, como estrangeiro que era, é dito que prestou um grande serviço ao país. Eu pergunto: Foi isto uma guerra religiosa, ou simplesmente política? Não acham que esta foi uma grande cartada política de Abraão para conquistar ainda mais simpatia entre os habitantes de Canaã? E ainda por cima, depois de tanta matança, foi abençoado pelo sacerdote de Deus. Não está isto em contradição com os princípios do cristianismo? Não era Abraão um cristão? Sem dúvida que sim, pois todos os que são salvos, o são em consequência da aceitação do sacrifício de Cristo por meio da fé.

Foi em começos de 1965 que pela primeira vez fui visitado por um pastor reformista. Até então eu praticamente nada conhecia dos chamados reformistas. Esse homem apareceu em minha casa com uma mala bem cheia de livros do Espírito de Profecia marcados em muitas páginas, revistas adventistas também sublinhadas em muitas páginas, documentos, fotocópias, recortes de jornais, etc., etc., tudo isto em acusações contra a Igreja Adventista do Sétimo Dia. (Devo dizer que o sistema da mala cheia de acusações ainda hoje continua em vigor.) A primeira coisa que esse homem me disse foi que a Igreja Adventista não podia ser a verdadeira Igreja de Deus, visto ter já em todo o mundo mais de dois milhões de crentes e desde 1844 até à vinda de Jesus só se salvam 144 000.

Perguntei se a reforma ainda tinha 144 000 crentes em todo o mundo. Ele disse: Não! Ainda estamos muito longe desse número. Voltei a perguntar: Quer dizer que quando atingirem o número 144 000 deixam de pregar o Evangelho? O homem que não esperava por esta pergunta empalideceu; e, depois de breve pausa, disse: Não! Continuaremos a pregar. Eu disse-lhe: Isto é o que a Igreja Adventista está fazendo. A mensagem tem que ser levada a todos os seres humanos, para que o maior número possível se possa salvar. Querem restringir a salvação a um número limitado seria amesquinhar aquilo a que o autor da epístola aos hebreus chama de tão grande salvação. Heb. 2:3.

De tudo o que tenho lido há quatro pontos que até agora não consegui compreender. 1.º) Se em 1914 a Igreja Adventista apostatou e foi completamente rejeitada por Deus (como dizem os reformistas), e surgiu ao mesmo tempo o chamado movimento de reforma, não compreendo por que razão a irmã White tendo falecido em 1915 não aderiu à

igreja pura e reformada, preferindo antes morrer na igreja apostatada. 2.º) O facto de ainda hoje os reformistas continuarem a comprar os livros apostatados, duma mulher apostatada, que morreu numa igreja apostatada. 3.º) Tendo a irmã White os seus filhos, não compreendo por que razão ela os deixou deserdados para em testamento legar todos os seus bens, inclusive os seus escritos, à igreja apostatada. 4.º) Mostrando a irmã White tanta preocupação quanto ao futuro de seus escritos, em seu testamento e como sua última vontade, ela designou entre os Pastores da Igreja apostatada os nomes dos cinco homens que deviam formar a chamada comissão de depositários dos escritos de Ellen White. Foram eles: W. C. White, F. M. Wilcox, C. H. Jones, C. S. Crisler e Arthur S. Samells. Por que razão não designou a irmã White nenhum dos pastores da nova igreja reformada?

Num trimensário da reforma referente ao 3.º trimestre de 1965, com o título «A Mensagem a Laodiceia», a págs. 26 e 27, apresentam os reformistas sete reformas, ou sete períodos de separação entre os verdadeiros e os falsos crentes. Transcrevo-os exactamente conforme se encontram nesse trimensário.

Primeira Reforma — Separação da igreja judaica.

«Os guias da nação judaica tinham assinaladamente deixado de cumprir o propósito de Deus para Seu povo escolhido. Aqueles a quem o Senhor tinha feito depositários da verdade provaram-se infiéis a seu legado, e Deus escolheu outros para fazerem Sua obra». Actos dos Apóstolos; págs. 78, 79.

Segunda Reforma — Separação na primitiva igreja cristã. (Período Smirna-Pérgamo).

«Depois de longo e tenaz conflito, os poucos fiéis decidiram-se a dissolver toda a união com a igreja apóstata, caso ela ainda recusasse libertar-se da falsidade e idolatria». Conflito dos Séculos; pág. 33 ou G. Conflito; pág. 39.

Terceira Reforma — Separação nas igrejas do Piemonte. (Período de Tiatira)

«Alguns havia que se recusaram a acompanhar a maioria apóstata. Estavam decididos a manter sua fidelidade a Deus e preservar a pureza e simplicidade da fé. Houve separação». C. dos Séculos; pág. 47 ou G. Conflito; pág. 55.

A primeira parte deste pequeno parágrafo, quer no Conflito, quer no Grande Conflito, está da seguinte forma: «Alguns houve, entretanto, que recusaram submeter-se à autoridade do pápa ou do prelado».

Quarta Reforma — Separação na igreja católica. — O protestantismo (século XVI)

Os reformadores se retiraram da igreja romana. «Os romanistas têm persistido em acusar os protestantes de heresia e voluntária separação da verdadeira igreja. Semelhantes acusações, porém, aplicam-se a eles próprios. São eles os únicos que depuseram a bandeira de Jesus Cristo e se afastaram da fé que uma vez foi dada aos santos». C. dos Séculos; pág. 37 ou G. Conflito; pág. 44.

Quinta Reforma — Separação nas igrejas protestantes. O adventismo (1844)

«No verão de 1844 aproximadamente cinquenta mil se retiraram das igrejas». C. dos Séculos; pág. 276 ou G. Conflito; pág. 304.

Sexta Reforma — Separação no Movimento Adventista. Os Adventistas do Sétimo Dia.

(1845, 1846). Os que aceitaram a correcta explicação referente à purificação do santuário, a verdade do Sábado e o Espírito de Profecia, apartaram-se dos demais adventistas.

Sétima Reforma — Separação na Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Surge um Movimento de Reforma mundial dos A. S. D., em atenção ao chamado reformatório de 1913 (T. M.: 514, 515).

Chegámos assim à sétima reforma, ou ao sétimo período de separação entre os verdadeiros e os falsos crentes. Os nossos amigos reformistas foram buscar todo este esquema de reformas ou separações para que ao chegarem à sétima nos dizerem que a partir de 1914 passaram a ser eles o verdadeiro povo remanescente de Deus. Eu pergunto: Estará correcto o esquema destas sete reformas? Falaremos um pouco apenas sobre a sétima reforma, ou sétima separação apresentada pelos reformistas. É um facto incontestável, e os reformistas o sabem muito bem, que o último período da igreja, ou seja, a sua última fase sobre a Terra é o chamado período de Laodiceia, que teve o seu início em 1844 quando Jesus passou do lugar santo para o santíssimo no santuário celeste e que só termina quando o Senhor Jesus sair desse mesmo lugar santíssimo após ter efectuado a Sua intercessão em favor da humanidade. Por outras palavras: É o período que vai desde 1844 até ao fim do tempo da graça. Mas os nossos amigos não querem que seja assim visto que apresentam uma reforma em 1914, uma separação que constitui um novo período, uma nova igreja, pois eles mesmos

se intitulam a *última igreja de Deus*. Se este esquema estivesse correcto, nós veríamos que os reformistas são o oitavo período, ou a oitava igreja. Mas como não têm base na Sagrada Escritura nem no Espírito de Profecia para a oitava igreja fizeram uma coisa muito simples. Ora vejamos: Há quem tenha feito desaparecer um dos dez mandamentos da lei de Deus. Depois pegaram no último, dividiram-no em dois, e assim a lei continuou na mesma com dez mandamentos. Os reformistas fizeram coisa semelhante. Reparemos bem neste esquema das sete reformas. Vamos aí encontrar logo na segunda reforma dois períodos juntos, ou seja, incluídos num só, que são os de Smirna e Pérgamo. Depois pegaram no último período, que é o de Laodiceia, dividiram-no em dois, ou seja: de 1844 até 1914, para os adventistas do sétimo dia. De 1914 até ao fim do tempo da graça para os reformistas. Assim continuaram eles na mesma com os sete períodos.

Frisei há pouco que os reformistas se intitulam a *última igreja de Deus*. Para comprovar, apreciemos o trecho que se segue extraído dum livro da reforma intitulado «O Amanhecer de Uma Nova Era de Paz», da autoria do senhor Carlos Kozel, à página 136: «Que faremos? — Que faremos para receber a chuva serôdia e para escapar da destruição final, para que quando Cristo vier nos achemos entre a hoste feliz, no lugar de liberdade e paz eterna? O mesmo que Lot fez: Sair! Abandonar todas as igrejas e congregações caídas, o mundo com os seus pecados e costumes perversos, as potências que lutam entre si e finalmente o próprio eu com todas as suas faltas e pecados! Arrepender-se sinceramente, aprender a orar, buscar a verdadeira conversão do coração, fazer-se filho obediente de Deus e entrar pela porta estreita à *última igreja de Deus: a Reforma*».

Como vemos, eles querem ser a última igreja, o que para mim significa a oitava. Mas voltemos ao trimensário reformista para analisarmos, na sétima reforma, os dois trechos extraídos do livro «Testemunhos Para Ministros», págs. 514 e 515, onde pretendem mostrar que estava predita a sua separação para 1914.

Em primeiro lugar apresentarei estes trechos conforme estão no trimensário da reforma; e, em seguida, apresentá-los-ei como se encontram nos livros «Testemunhos Para Ministros» e 2.º volume de «Mensagens Escolhidas». Sublinharei o que está diferente.

«Necessitam-se agora homens de claro entendimento. *Aqueles que estão prontos para serem guiados pelo Espírito Santo, Deus os chama para tomarem a dianteira numa obra de completa reforma*. Vejo uma crise diante de nós, e Deus chama Seus obreiros a tomar seus postos». T. M.: 514 (1913).

«Fiquei profundamente impressionada com as cenas que ultimamente passaram perante mim nas visões da noite. Parecia haver um grande movimento — uma obra de reavivamento — em progresso em muitos lugares. *Nosso povo estava tomando seus postos, atendendo ao chamado de Deus*». T.M.: 515.

Eu pergunto: Será que nestes trechos existe alguma expressão que nos dê a mínima ideia de uma separação para 1914? Nota-se, no entanto, aqui uma deformação, não só no sentido da aplicação dos textos, como também nalguma escrita dos próprios textos. No primeiro trecho, onde lemos: «Deus os chama para tomarem a dianteira numa obra de completa reforma», querem eles fazer crer que o povo adventista apostatou, e Deus os chamou a eles para tomarem a dianteira a esse povo na pregação do Evangelho. No segundo trecho, onde lemos: «Nosso povo estava tomando seus postos, atendendo ao chamado de Deus», querem mostrar com isso que com a tomada de dianteira aos que entraram em apostasia, começaram eles a conquistar o terreno, os baluartes ou fortificações que pertenciam ao antigo povo; e, assim, ficaram eles senhores na propagação do Evangelho em consequência da separação.

Leiamos agora os mesmos trechos conforme se encontram nos livros citados.

«Necessitam-se agora homens de compreensão clara. *Deus está apelando para os que desejam deixar-se guiar pelo Espírito Santo numa obra de completa reforma*. Vejo uma crise diante de nós e o Senhor roga aos Seus obreiros que se ponham a postos». Testemunhos Para Ministros; pág. 514.

«Fiquei profundamente impressionada pelas cenas que recentemente passaram diante de mim à noite. Parecia existir um grande movimento — um trabalho de reavivamento — em acção em muitos lugares. *Nosso povo movia-se em linha e respondia ao apelo de Deus*». Testemunhos Para Ministros; pág. 515.

No primeiro trecho, onde lemos: Deus está apelando, etc., significa isto que Deus está convidando a todos os Seus filhos para que permitam ao Espírito Santo morar em seus corações, afim de que, em suas vidas, se manifeste a verdadeira transformação, ou reforma. Permitir ao Espírito Santo morar em nossos corações não é separar-se e tomar a dianteira. No segundo trecho, onde lemos: *Nosso povo movia-se em linha, etc.*, também não significa separar-se; mas, antes pelo contrário, unir-se e cerrar fileiras contra o inimigo.

Vejam os mesmos trechos no 2.º volume de «Mensagens Escolhidas».

«Necessitam-se agora homens de esclarecida compreensão. Deus convida os que estão disposto a ser regidos pelo Espírito Santo a liderarem numa obra de completa reforma.

Vejo uma crise diante de nós, e o Senhor convida Seus obreiros a se enfileirarem». M.E., 2.º vol.; pág. 400.

«Tenho sido fundamente impressionada por cenas recentemente passadas diante de mim durante a noite. Parecia estar ocorrendo em muitos lugares um grande movimento — uma obra de reavivamento. Nosso povo cerrou fileiras correspondendo ao chamado de Deus». M.E., 2.º vol.; pág. 402.

Nota-se também aqui alguma ideia de separação? Para ficarmos com a mente bem esclarecida sobre se estava ou não predita essa separação para 1914, aconselho os irmãos a lerem todo o capítulo, e não apenas dois pequenos trechos, em «Mensagens Escolhidas», 2.º volume, págs. 398 a 408, e «Testemunhos Para Ministros», págs. 513 a 515.

Antes de finalizar esta parte com um episódio que se encontra nas Sagradas Escrituras, desejo fazer algumas perguntas. Mas leiamos ainda em «Conflito dos Séculos», págs. 363 e 364: «Deus, em Sua grande misericórdia, suportou longamente a Satanás. Este não foi imediatamente degradado da sua posição elevada, quando a princípio condescendeu com o espírito de descontentamento, nem mesmo quando começou a apresentar as suas falsas pretensões diante dos anjos fiéis. Muito tempo foi ele conservado no Céu. Reiteradas vezes lhe foi oferecido o perdão, sob a condição de que se arrependesse e submetesse».

Deus, que é amor e misericórdia, que por tanto tempo suportou a Satanás, e ainda hoje o suporta, sempre pronto a suportar e perdoar as falhas da Sua igreja através dos séculos, como se compreende que Esse mesmo ser Se tornasse tão severo e tirano para com a Sua igreja neste último período da história da Terra, para logo à primeira falha dessa igreja lhe dar tamanho açoite, escorraçando-a, e rejeitando-a por completo? Se em 1914 houve essa separação, como se compreende que ainda hoje, 64 anos após, as mensagens de admoestação, censura, reprovação ou condenação, contidas no Espírito de Profecia, se apliquem a essa igreja? Se a partir dessa data os reformistas passaram a ser o povo de Deus, logo são eles os mornos; e, por conseguinte, todas as mensagens de reprovação e condenação são para eles, não é verdade? Mas, se eles não querem que seja assim, então não são os amados de Deus, pois Deus diz: «Eu repreendo e castigo a todos quantos amo». Apoc. 3:19. Sejamos bons adventistas e não censuradores extremistas.

O episódio de que acima falei com que ia terminar esta parte do artigo, encontra-se no segundo livro de Samuel, capítulo dezoito, versículos dezanove e trinta e três. E-nos

(Continua na página 16)

«ATIRE A PRIMEIRA PEDRA»

por LÉO RANZOLIN

Alguns ainda mantinham as pedras nas mãos. Outras mãos estavam vazias, porém, os olhos faiscantes, prontos para a acção, observando pedras aqui e ali, prontos para tomá-las e lançá-las! Uma mulher está diante de Jesus. Seus traços denotam que ela é uma pecadora.

Atirou Cristo a Primeira Pedra?

A mulher pecadora foi levada à presença de Jesus. E o propósito dos acusadores era matar a mulher e a Jesus. A acusação foi formulada. O Mestre ouviu-a atentamente. Entretanto, não atendeu a sugestão daqueles homens perversos. Jesus jamais atiraria a primeira pedra.

Conhecemos bem a história. Os homens, ao verem seus pecados escritos na areia, fugiram envergonhados.

Hoje em dia notamos muitos irmãos que procuram trazer diante da comissão e dos pastores, os mais incríveis problemas, os casos mais desumanos! Há uma vontade tremenda da parte de alguns de atirar pedras, mas... Pudessem alguns e fariam pior que aqueles homens irados. Apresentariam alguns membros e os lançariam na fornalha de fogo ardente!

Certo professor que tivemos disse que «a pior coisa do mundo é a desumanidade do homem para com os homens».

Entre os acusadores da mulher pecadora, provavelmente encontrava-se um de seus sedutores. Que contraste, não é verdade? Muitos hoje em dia querem apedrejar as mulheres pelos seus pecados, as moças, seus idílios; por dentro, porém, são mais culpados!

Que contraste entre aqueles homens e o Salvador!

Muitas vezes estamos mais preocupados em usar a Lei do que a Graça! É a preservação própria! Que seria daquela mulher se Jesus tivesse usado a lei dos fariseus?

Cristo pensa na mulher pecadora e não acusa ninguém. Ele apenas escreve. Sim, escreve a maior obra até hoje publicada! Foi o único livro que Ele escreveu na Terra.

Ali estava a maior defesa até hoje feita por um tribunal. Ali estava a maior tese, o maior discurso, o maior drama.

Os olhos acompanham, os rostos transformam-se ao ser passada diante deles, como um filme, a sentença de sua própria vida!

Eles queriam apedrejar porque tinham um coração de pedra. Arrastaram aquela mulher porque arrastavam o pecado dentro do próprio coração! Queriam matá-la para afastar de seus pensamentos aquela que simbolizava sua própria vida de pecado. Fizeram uma acusação e receberam uma condenação. Queriam atirar pedras e receberam uma chuva de pedras. Queriam embaraçar o Mestre e saíram cabisbaixos, envergonhados. Queriam esconder seus pecados e foram descobertos diante de todos!

De repente, Cristo Se levanta. Sua obra está completa. Não havia erros de retórica, não havia erros de gramática. Não havia erros de persuasão. Era clara e definida.

Então, profere as seguintes palavras: «Aquele que dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro que lhe atire uma pedra». S. João 8:7.

A pobre mulher aguarda, em horror, a primeira pedra. De repente, porém, começa a ouvir algumas desculpas. Há agitação, movimento; todos querem retirar-se.

«Com licença, por favor, tenho um compromisso urgente; vocês resolvam esse assunto». «Minha esposa pediu-me para fazer algumas compras e eu quase ia esquecendo!» «Preciso ir à cidade pagar umas contas, hoje é o último dia».

A mulher levanta os olhos. Não havia ninguém. Perdão, havia sim; havia Jesus. Ela estava na presença de Cristo! Estava só, na presença de Alguém que não conhecia pecado. Creio que isto para ela foi pior do que estar na presença de pecadores. Ali estava ela, frente a frente com a Justiça divina! Não era mais a justiça humana. Que experiência para aquela pobre mulher, manchada pelo pecado, enegrecida por uma vida miserável e vã. Era a mácula diante do imaculado; a imperfeição diante da perfeição; a impureza diante da pureza; o banal diante do real; a carne diante do Espírito; o pecado diante da santidade!

O pecado é horrível, hediondo e cruel! Mas é pior estar diante de alguém alheio ao pecado!

Por todo aquele tempo, a mulher aguarda as pedradas. Agora, no entanto, está esperando o julgamento do Salvador, do Mestre dos mestres, do Juiz do Universo.

Usaria o Senhor o código dos fariseus? O sistema daqueles homens enfurecidos? En-

viá-la-ia para uma casa de correcção? Qual seria a atitude do Salvador? Qual seria Seu Julgamento?

O Senhor respondeu: «Eu também não te condeno. Vai e não peques mais».

Aqui está a grande diferença. Não estamos aprovando os pecados daquela mulher. É que a graça é mais forte do que a Lei. O amor é mais forte do que o próprio pecado. A lei condenava-a, mas a graça salvou-a. Uma nova vida surge. Aquela mulher enterra ali os seus pecados. A velha natureza está debaixo das pedras, mas uma nova vida desponta acima dos monturos e problemas deste mundo. A ordem imperiosa de Jesus transformara toda a sua vida. Seu amor conquista aquela pobre pecadora. E, durante a ressurreição de Jesus, encontramos-la anelante pela vida d'Aquele que lhe havia dado vida e esperança.

A Juventude diante dos acusadores

Mencionemos algumas pedras que estão sendo atiradas:

«*Vocês não valem nada*». No livro *Educação*, p. 231, a irmã White diz: «Em todo verdadeiro ensino o elemento pessoal é o essencial. Cristo em Seu ensino tratava com os homens individualmente. Mas a multidão que muitas vezes Lhe dificultava os passos, não era para Cristo uma massa indistinta de seres humanos. Falava directamente a cada espírito e apelava a cada coração».

«*Os juvenis são uma peste*». Certo professor da Escola Sabatina, responsável pelos juvenis, disse, ao findar o tempo de suas actividades: «Ahhh! que alívio! Os juvenis são uma peste!»

Falta tacto e dedicação na liderança dos juvenis. Em nossas igrejas, os primários têm de tudo, mas os juvenis... Está comprovado que 70% dos juvenis que entram na igreja tomam sua decisão por Cristo antes dos 14 anos de idade.

«*O que a mocidade precisa é trabalhar*». Cristo amou os pecadores. Deus amou o mundo de tal maneira que deu Seu Filho. Precisamos dar para receber. É o mesmo com os jovens.

Os pais diante dos acusadores

Muitas expressões ditas pelos jovens demonstram a tendência de atirar pedras aos pais. «Meus pais são quadrados». «Já vêm eles com os conselhos». «Os velhos são de outra época».

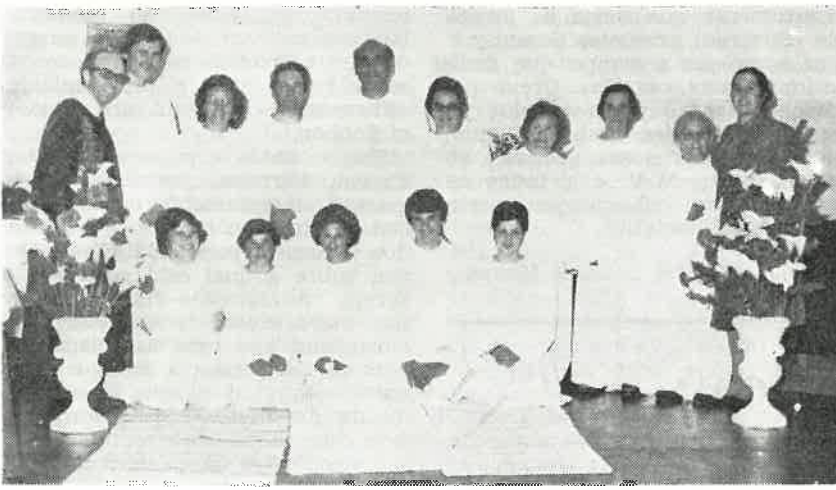
A suposta incompreensão entre pais e filhos

Seria apostasia da juventude quando os próprios pais não fazem o culto matutino e vespertino no seu lar? Seriam os pais «quadrados» quando os filhos não compreendem a sublimidade da comunhão com Deus? Seria apostasia dos filhos quando os pais deixam a televisão ligada até altas horas da noite e quando a esposa não desliga as telenovelas? Seriam os pais «quadrados» quando combatem os malefícios das fotonovelas e a ilusória vida de Hollywood? Seria apostasia da juventude, quando os filhos vêm as rixas e as brigas do casal? Seriam os pais «quadrados» quando os filhos buscam a revolta, a onda de greves, quando muitas vezes nem sabem o que estão fazendo? Seria apostasia da juventude quando os pais negligenciam o estudo da Bíblia? Seriam os pais «quadrados» quando a mocidade diz que a Bíblia está morta e que é para os velhos, sendo que suas profecias se cumprem cabalmente? Seria apostasia da juventude quando os pais não a convidam para as reuniões MV? Quando muitos jovens não compreendem que muitos pais buscam e aguardam o filho pródigo? Seria apostasia da juventude quando os líderes não estão provendo algo para a mocidade? Seriam os pais «quadrados» quando os filhos buscam os prazeres e as recreações do mundo e deixam de receber bênçãos maravilhosas dentro da igreja?

Reformistas ou Deformistas?

(Continuação da página 14)

relatada aqui a morte de Absalão, filho de David. Joabe, general do exército, enviou um homem de nome Cusi com uma mensagem para o rei David, anunciando-lhe a morte do seu filho inimigo. Um outro homem, de nome Aimaaz, filho de Zadoque, quis também correr, e correu. Mas correu por conta própria, pois não tinha mensagem. Aimaaz ultrapassou, ou por outras palavras, tomou a dianteira a Cusi. Mas, quando chegou junto do rei, qual foi a mensagem que apresentou? No verso 29 lemos: «Vi um grande alvoroço... porém, não sei o que era». Alvoroço, sinónimo de confusão. No verso 22 lemos: «Para que agora correrias tu, meu filho, pois não tens mensagem conveniente?» Ora, quem correndo, pretendendo tomar a dianteira, sem ter mensagem convincente, só alvoroça e confunde.



Santarém — Membros recém-baptizados

SANTARÉM

Em 16 de Abril findo, pelas 20 horas, teve lugar nesta Igreja uma importante cerimónia baptismal. Jamais aqui foram baptizadas tantas almas de uma só vez. O número cinco nunca tinha sido ultrapassado. Mas, desta vez, foram treze as almas que se apresentaram para serem baptizadas, cujas idades estão compreendidas entre os 14 e os 82 anos. Foi necessário atrasar a cerimónia uma semana, para mandar fazer mais batas brancas para os candidatos, pois as que tínhamos eram insuficientes.

Foram baptizadas nesse dia as irmãs Edite Martins Libânio; Maria José Sousa Paulo; Maria de Fátima da Silva Lobo; Júlia Carvalho Henriques Paisos; Maria Júlia Montez Nogueira; Ana Maria Carreira Inácio Aguiar; Etelvina Gil; Elisa de Oliveira Nobre; e Maria dos Prazeres Azevedo da Silva; e os irmãos João Manuel Simões Tavares Gomes; António José da Silva Lobo; José António Paisos e Joaquim da Silva Ramos. Seis destas almas são fruto do trabalho perseverante da irmã Leonor Gaião, zelosa missionária nesta cidade, que até à data presente foi o membro leigo que mais almas ganhou para Cristo. A irmã Ana Maria Aguiar é mais um fruto do trabalho do Irmão José Alves Pacheco. A irmã Elisa de Oliveira Nobre, de 82 anos de idade, tia de um bem conhecido sacerdote católico nesta cidade, foi convidada pela Irmã Cecília Piedade a frequentar a nossa igreja. Veio. Gostou; e apesar da sua avançada idade decidiu-se por Jesus oferecendo-lhe o coração; o que é maravilhoso, pois nem sempre é fácil no Inverno da Vida mudar de religião. A jovem Edite Libânio já nasceu num lar Adventista, ela é fruto do trabalho

de seus pais. A jovem Maria José é fruto do trabalho de sua mãe, irmã Marieta Carapinha. O António José Lobo conheceu a mensagem no Ciclo Preparatório por intermédio da jovem Helena Canário, que ali soube testemunhar da sua fé perante os outros estudantes. A irmã Etelvina Gil conheceu a mensagem por intermédio de sua irmã Idalina Gil e o irmão João Tavares Gomes por intermédio de sua esposa, irmã Glória Tavares.

Parabéns a todos estes irmãos e irmãs de quem o Senhor se serviu para que estas almas entrassem no seu redil. Parabéns também ao coro desta igreja, dirigido, pacientemente, pela irmã Palmira Coelho, que neste dia deixou maravilhados pela sua magnífica actuação todos aqueles que o ouviram e o viram actuar. Bendito seja o Senhor nosso Bom Deus por esta tão preciosa colheita de almas. Colheita esta que muito sensibilizou os visitantes que nesse memorável dia nos honraram com a sua presença. Foram tantos os visitantes que foi necessário à última da hora arrancar o guarda-vento para que as pessoas que já não tinham lugar na sala pudessem assistir da rua a esta tão impressionante festa. Estimados leitores e leitoras da Revista Adventista, o Ribatejo é um campo onde a seara está madura, estou convencido que, pelo poder do Espírito Santo, poderemos ter nos próximos anos colheitas ainda maior do que esta; todavia, um problema, cuja solução parece difícil, nos aflige: não temos espaço para acomodar mais almas. Orai por nós para que o Senhor nos ajude e nos guie na descoberta de um novo local de culto. Maranatha!

António Gameiro

Colóquio sobre o Apocalipse para a Zona Norte

O Apocalipse é também dominado «A Revelação de Jesus Cristo». É sem dúvida um livro singular entre todos os outros livros da Bíblia, não só pela sua forma, como pelo seu simbolismo e significado. No entanto, e por conseguinte é também um livro com um certo grau de dificuldade de interpretação; daí advindo a necessidade de um estudo diligente e profícuo. Consciente deste facto o Departamento M. V. da Associação achou por bem promover um colóquio sobre as mensagens do Apocalipse, através do qual os jovens tivessem oportunidade de alicerçar um pouco mais os seus conhecimentos neste âmbito.

Foi assim que decorreu de 26 a 28 de Maio na Igreja de Vila Nova de Gaia, o referido colóquio tendo em vista particularmente os jovens das igrejas Adventistas da região norte, tendo como coordenador o Pastor José M. Matos.

O plano elaborado para estes encontros era o seguinte:

As reuniões deveriam realizar-se na sexta à noite, tarde de sábado, domingo de manhã e quanto à apresentação do tema deveria ter a duração de 45 minutos restando 15 minutos para discussão e formulação de perguntas relacionadas com o mesmo. Assim, na sexta-feira, com início às 20 horas, o Pastor Adelino Diogo da Ig. de Espinho fez a «Introdução ao livro do Apocalipse» e falou sobre «João o Vidente do Apocalipse», seguindo-se a intervenção do Pastor Manuel Laranjeira da Ig. de Canelas, que se debruçou sobre o tema: «O Desmoronamento do Império Romano — as 3 últimas trombetas». Na tarde de sábado, pelas 14,30, o Pastor António Maurício que tem a seu cargo as igrejas de Oliveira do Douro e Avintes fez uma explanação acerca dos «Sete Selos». Ulteriormente, o Pastor Manuel Garrido da Ig. de Braga falou sobre «A Besta que Saiu do Mar». E, por fim, sobre «Os Estados Unidos na Profecia» tivemos oportunidade de escutar o Pastor J. M. Matos, que tem a seu cargo as Igrejas do Porto, Matosinhos e Vila Nova de Gaia. A partir das

9,30 de domingo, o Pastor Abílio Echevarria falou a respeito de «Os 3 últimos capítulos do Apocalipse».

Deste modo foi dada a oportunidade de aprofundar conhecimentos e esclarecer algumas dúvidas que pairavam na mente dos estudiosos das profecias contidas nesse maravilhoso livro cujas mensagens apontam para os acontecimentos finais da História bem como para as delícias do mundo vindouro.

Certamente que todos os jovens que estiveram presentes deram por bem empregar o tempo que dedicaram a estas reuniões. Creio que posso tornar-me porta-voz dos jovens participantes neste Colóquio, manifestando a nossa gratidão ao Departamento M. V. e a todos os Pastores que colaboraram nesta interessante iniciativa.

Maria Lourdes Moura

VILA NOVA DE GAIA

Uma Nova Igreja Adventista no Norte do País

O sábado dia 3 de Junho de 1978 será recordado durante muitos anos pelos nossos Irmãos de Vila Nova de Gaia. A Cerimónia da Organização da Igreja foi bastante interessante e com um bom cunho espiritual. O relato que fazemos do que se passou poderá dar apenas uma ideia dos momentos agradáveis que vivemos todos nessa referida manhã.

Com pontualidade matemática o Ir. José Fonseca terminou a lição da Escola Sabatina — que foi passada em conjunto — às 10,35. Com mais alguns comentários, hino final, Oração e anúncios, pudemos dar início aos trabalhos de Organização da Igreja mesmo um pouco antes das 11 horas.

Na tribuna estavam os Pastores Ernesto Ferreira e Fernando Mendes acompanhados do Ancião José Fonseca. Na mesa estavam os Pastores Manuel Laranjeira representando a Igreja de Canelas, José M. Matos representando a Igreja do Porto e o Ir. Francisco Moreira, Ancião, que representava a Igreja de Oliveira do Douro. Sala de Culto completamente repleta.

O Pastor Matos começou por saudar todos os presentes apontando para o elevado significado da Reunião que iria ter lugar. O Ir. Fonseca anunciou o hino N.º 7 «Sejas Louvado». O Pastor Mendes fez a oração de Invocação. De novo o Pastor Matos tomou a palavra para apresentar um breve histórico da Igreja de Gaia, que resumimos: No início dos anos 70, a Igreja de O. Douro procurava «alargar as suas tendas». E fê-lo na direcção de V. N. Gaia, onde vivem para cima de 200 000 pessoas, e é sede de Concelho. Abriu-se uma Sala em 1971 com os serviços religiosos, começando aos domingos de tarde. Foram os irmãos de Oliveira que sempre se deslocavam ali para criarem as condições propícias ao crescimento da Obra ali em Gaia. Em 1973 o Conselho da Associação decidiu que o trabalho em Gaia pas-

sasse para a responsabilidade da Ig. de Canelas e do seu Pastor. O Ir. Manuel Laranjeira ficou ao leme a partir desta data. As reuniões passaram para as tardes de sábado e agora acorriam aos cultos alguns irmãos de Canelas e um ou outro da Ig. do Porto. Em 1976 de novo o Conselho decidiu uma nova alteração passando Gaia para a responsabilidade da Ig. do Porto. Desde essa data para a frente o Grupo de Gaia tomou um novo incremento: foram feitos vários e importantes melhoramentos na Sala, compraram-se elementos e aparelhos que enriqueceram a Sala e, sobretudo, viu-se um bom número de irmãos do Porto juntarem-se aos que já estavam em Gaia e formarem um excelente Grupo com elevada amizade e fraternidade Cristã. Algumas pessoas se baptizaram em 1977 e já em 1978. Tudo junto resulta que a Igreja se pode

formar com quase 50 membros baptizados com todos os cargos de Igreja preenchidos e uma tesouraria progressiva e independente. «Ebenezer» — até aqui nos ajudou o Senhor.

Tomou então a palavra o Pastor Ernesto Ferreira, que disse do seu grande contentamento de estar em Gaia e dirigiu o coração e a mente dos presentes para JESUS — A Rocha sobre a qual está edificada a Igreja. A Igreja — disse — não é um mero clube de carácter religioso, mas sim uma associação de pessoas que amam a Jesus e estão irmanadas numa mesma Fé e numa mesma Esperança. E finalizou: Possam estes bons sentimentos perdurar nesta nova Igreja de Vila Nova de Gaia.

No átrio da Sala, logo de seguida, o Ir. Cardoso, de Oliveira de Douro, tomou o facho luminoso símbolo da Luz do Evangelho e veio até meio da Sala, onde o entregou nas mãos do Ir. Abel Mota, da Igreja de Canelas, o qual veio à frente depondo o facho nas mãos do Ir. Joaquim Teixeira Júnior, da Igreja do Porto, e que esteve desde a primeira hora ao lado dos avanços adventistas em Gaia, tornando-se agora membro desta nova Igreja. Depois, um a um, todos os membros da nova Igreja vieram à frente e tomaram a luz simbólica das mãos do Ir. Teixeira Júnior. Todo o simbolismo ali representado: Oliveira do Douro que começa; a passagem da Luz para Canelas; a entrega desta ao Porto e a tomada de novos privilégios e responsabilidades pelos membros de Vila Nova de Gaia.

Levantou-se então o Pastor Manuel Laranjeira, que falou da sua satisfação de representar Canelas



Frente da Sala de Gaia — Entre as muitas dedicações da igreja gaiense, três irmãos: Teixeira Júnior, diácono. Ir. Branca, Directora Missionária. José Fonseca, o Ancião

naquela cerimónia e da satisfação que se sentia possuído de ver aquela Igreja singrar nos rumos do progresso espiritual. O Ir. Moreira como Ancião de O. do Douro disse que em boa hora a sua Igreja tinha pensado em avançar na direcção de Gaia e que agora viam alegremente os seus esforços do passado bem recompensados. Então o Pastor Laranjeira fez a oração de consagração.

Em seguida a Ir. Celeste de Matos cantou um lindo cântico cuja letra nos tocou profundamente: «É tempo de ter esperança». Realmente, ali em Gaia aquela era a hora de certezas mas também tempo de esperança.

Estávamos quase no fim. Foi só o tempo de proceder à leitura dos oficiais de Igreja e respectiva vo-

tação. Momentos depois o Irmão Francisco Moreira anunciava o hino final N.º 495 «Jesus Pastor Amado». E, da tribuna, o Ancião da nova Igreja concluía com a oração.

Chegara o momento da partida, não sem que a Ir. Maria Arménia Ferreira que, como secretária, lesse a Acta desta bela Reunião.

Sábado, 3 de Junho de 1978. Uma bela manhã para todos quantos estiveram em Vila Nova de Gaia. O futuro abre radiosas perspectivas para o trabalho nesta terra. Oremos já em antecipação por todos quantos virão como Obreiros ou Leigos tomar esta Obra nas mãos e avançarem ainda mais firmemente, ainda mais gloriosamente em Jesus Cristo.

Judite Mendes

OLIVEIRA DO DOURO

Actividades de Desbravadores

A nossa vida nesta terra devia ser toda ela de objectividade útil, quer para nós, quer para os outros.

Sem dúvida que todo o jovem cristão deve ter o seu grande objectivo, o qual é Cristo.

Dentro deste contexto, surge o Clube de Desbravadores de Oliveira do Douro, com o seu triplice objectivo, o qual é:

«Por Jesus, pela Igreja e pela Montanha».

Este objectivo, já tem pelo menos dois anos de existência e espero que continue a perdurar no espírito de todos os Desbravadores que passarem pelo Clube.

Porquê, «por Jesus?»

Todo o Desbravador, deve acima de tudo, ser por Jesus. Deve ser um soldado íntegro nas suas hostes. É precisamente nas idades mais belas e mais fortes que Jesus quer para Si os Desbravadores. É nestas idades que o jovem Desbravador deve tomar a sua decisão em favor de Cristo. Ser uma verdadeira testemunha e um exemplo onde quer que esteja.

Dentro deste espírito, assim nestes 3 anos de actividade, quatro Desbravadores tomaram a decisão por Cristo, fazendo-se baptizar. Ao baptizarem-se, tomaram mais consciência dos seus deveres para com Deus, a Igreja e os homens.

Estamos contentes, porque este objectivo tem de ser cumprido como nós prevíamos:

«Os Desbravadores de Oliveira do Douro por Jesus».

O segundo aspecto da objectividade do nosso clube é:

«Pela Igreja».

O Clube de Desbravadores, não é só parte espiritual ou recreativa, mas sim trabalho em comunidade.

Os Desbravadores devem acima de todos os seus afazeres quotidianos colaborar com a Igreja e esta com a sociedade em que vivem.

Nesta perspectiva, temos colaborado com a Igreja dentro das nossas possibilidades e de acordo com as necessidades e préstimos que a Igreja tem requerido de nós.

Assim, nas campanhas, na recolha de fundos para campos missionários, na distribuição de literatura de porta em porta, nos préstimos dados ao Colégio do Norte através de jardinagem e outros serviços. Por exemplo, a decoração do salão de conferências para a Missão 78, todo o trabalho foi feito pelos Desbravadores e respectivos conselheiros de grupo.

Temos colaborado imenso nos encontros regionais, congressos e planos de temperança, especialmente o plano para deixar de fumar.

Estamos convencidos de «cumprir» o segundo objectivo do nosso Clube, que é: «Pela Igreja».

Por último, temos o objectivo de:

«Pela Montanha».

Porquê, montanha?

Os Desbravadores tomaram consciência dos tempos difíceis que estamos vivendo. A sua vida foi impressionada pela dos Valdeiros em plena idade média e pensaram na realidade conhecer os recantos mais «altos» e mais «fundos» da terra, isto é, pela natureza. Surgiu, assim, um novo sector o ano passado, a que chamamos de montanhismo e espeologia, que é orientado pelos «jovens» e pelo nosso irmão Manuel Garcia, o qual tem dedicado «horas» na preparação de elementos práticos e teóricos. Este objectivo é o que está em maior actividade.

Temos feito «bivagues de montanha», expedições a grutas, escaladas e outro género de expedições.

Ultimamente fomos fazer um «bivague de montanha» na «Serra da Boneca», cerca de 520 metros de altitude. Ao mesmo tempo, fizemos uma expedição a uma gruta, na qual não encontramos nada de especial a não ser umas estalactites terrosas, muito giras, as quais vieram para o museu natural do clube, como despojos da vitória alcançada.

Temos tido grandes dificuldades, especialmente monetárias, mas confiamos na Igreja e na pessoa do Pastor Mauricio, que tem sido incansável para conosco. Estamos convencidos que o P. Mauricio não se esqueceu do grande lema: — Devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance pelos nossos filhos e pelos jovens que estão lá fora.

O sector desportivo também funciona e estamos contentes. Graças à iniciativa do nosso «jovem» e nosso irmão Abreu já podemos contar com um plinto de medidas olímpicas (fabrico exclusivo dos Desbravadores), um colchão devidamente forrado, assim como um bom trampolim e alguns aparelhos de ginástica.

Sem modéstia, posso informar que há tições com 8 anos que saltam as sete caixas sem qualquer dificuldade e com precisão na execução do exercício.

Poderíamos continuar a descrever as nossas actividades, mas temos receio de nos tornarmos maçadores. Esperamos com isto avivar o interesse em todos os Desbravadores de Portugal, assim como aos seus dirigentes, para uma melhor objectividade nas suas relações para com Deus, a Igreja, a Sociedade e a Natureza. Que seja uma realidade em Portugal o «Clube de Desbravadores», isto é, o «curral» dos nossos «cordeiros» mais tenros, são os votos sinceros dos rapazes e meninas do Clube de Desbravadores de Oliveira do Douro.

Victor Alves

Rádio Mundial Adventista escutada na Rússia

Um membro da Igreja Adventista do Canadá que visita com frequência alguns familiares que vivem na Rússia diz que os programas da Rádio Mundial Adventista têm boa recepção e aceitação nas áreas que ele visita.

Este membro diz existirem várias igrejas e grupos naquelas áreas, um dos quais tem mais de 500 membros. Eles estão realizando batismos regularmente. Ele afirma: «Os nossos programas de rádio são uma ajuda e encorajamento precioso para eles.»

Um outro canadiano que visitou Moscovo recentemente declara também que os programas da Rádio Mundial Adventista estão sendo escutados e «muito apreciados». Como forma de encorajamento ele diz que por não haver um afluxo muito grande correspondência não significa que os esforços realizados pela Rádio Mundial Adventista são inefectivos. — *Adventist Review*

A Inglaterra elabora planos para a sua juventude

O número de jovens que tomam parte nas actividades de Jovens da Federação Norte de Inglaterra continua a aumentar, segundo Stewart Ware, director de Jovens. O número total de jovens está estimado em 2500. Mais de 40 jovens participaram no acampamento de Verão na Escócia, e 467 participaram nos 5 acampamentos que tiveram lugar em Aberdoron, North Wales, o parque de campismo desta Associação. Durante estes acampamentos 6 jovens foram batizados e dez outros responderam ao apelo e foram batizados nas suas igrejas.

O maior acontecimento durante 1977 foi o «rally» da juventude e um desfile em Birmingham, no qual participaram mais de 2000 pessoas. Alguns jovens estão ajudando pastores, evangelistas e os departamentos de actividades leigas das suas igrejas.

Entre os planos desta Associação para jovens em 1978 está incluído um acampamento em Derbyshire, novo parque de campismo para jovens na Escócia e outros estão previstos em Aberdo-

ron. Estão ainda programados diversos seminários sobre problemas da juventude e enriquecimento familiar. — *Adventist Review*

A Divisão Sul-Americana atinge o seu objectivo de batismos

Com 40 mil pessoas batizadas em 1977 a Divisão Sul-Americana alcançou um total de 400 mil membros.

Enquanto o Presidente, Pastor Enoch Oliveira, falava aos administradores das 6 Uniões no recente comité que teve lugar na sede da Divisão Sul-Americana em Brasília, disse: «Pela graça de Deus e através dos esforços dos obreiros e leigos nós conseguimos alcançar e ultrapassar o nosso objectivo de batismos. Nós esperamos que o poder do Senhor continue a ser connosco para que em 1980 possamos ter meio milhão de membros na América do Sul.»

As 40 mil pessoas batizadas na Divisão Sul-Americana em 1977 representam o maior número jamais batizado nesta Divisão durante um ano. O objectivo para este ano é de 45 mil batismos.

Houve igualmente progressos nos dízimos. Em 1977 o montante de dízimos foi de 602 705 800\$00 comparados com os 508 000 000\$00 do ano anterior.

As vendas de colportagem aumentaram também. O valor das revistas e livros vendidos atingiu os 320 mil contos. Só durante o habitual «mês especial» os colportores venderam 40 mil contos. Isto engloba apenas os valores de livros e revistas vendidos porta-a-porta e não inclui literatura vendida nas igrejas.

No campo da Educação foi também um relatório encorajador. No fim de 1977 cerca de 51 153 alunos frequentaram a escola primária. O ano escolar de 1977 começou com um número de 56 475 e espera-se que termine com cerca de 58 mil alunos. São necessários mais edifícios para as nossas escolas. Esta é uma atitude positiva na medida em que mostra o alto valor que os pais dão à educação cristã.

Existe ainda muito para fazer. Milhões de Sul-Americanos necessitam de tomar uma decisão por Cristo. Esta é a razão porque nos apressamos a levar-lhes o Evangelho. — *Adventist Review*.